

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TOCANTINS CAMPUS GURUPI  
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTE CÊNICAS**

**ROSEMARY APARECIDA ZANHOLO DOS SANTOS**

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E OUTRAS TÉCNICAS**

**Gurupi - TO  
2015**

**ROSEMARY APARECIDA ZANHOLO DOS SANTOS**

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E OUTRAS TÉCNICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Coordenação do Curso em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Gurupi, como exigência à obtenção do grau em Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Me. Claudemir Figueiredo Pessoa (Onasayo).

**Gurupi - TO**

**2015**

Santos, Rosemary Aparecida Zanholo dos.

A Arte de Contar Histórias e Outras Técnicas. /Rosemary  
Aparecida Zanholo dos Santos. — Gurupi, 2014.

42 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) –Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – *Campus* Gurupi,  
2014.

Orientador: Professor Claudemir F. Pessoa Onasayo

1. Contação de histórias. 2 Contos. 3 Ensino. I. Título.

**ROSEMARY APARECIDA ZANHOLO DOS SANTOS**

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E OUTRAS TÉCNICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Coordenação do Curso em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus Gurupi*, como exigência à obtenção do grau em Licenciatura em Artes Cênicas.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA AVALIADORA**

---

Prof. Me. Claudemir Figueiredo Pessoa Onasayo  
Presidente  
IFTO – *Campus Gurupi*

---

Prof. Dr. Helber Vêras Nunes  
Membro da Banca  
IFTO – *Campus Gurupi*

---

Prof. Esp. Pablo Marquinho Pessoa Pinheiro  
Membro da Banca  
IFTO – *Campus Gurupi*

Ao meu esposo e filhas pelo carinho e dedicação, pelo apoio e incentivo pelas minhas ausências.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me iluminar dando força e coragem para prosseguir em mais uma etapa da minha vida.

A minha família, que me apoiaram e acreditaram em mim. E principalmente ao meu Esposo e filhas, seus carinhos e dedicação foi que deram, em alguns momentos difíceis, a esperança para seguir que sempre me apoiaram, e acreditaram no meu potencial, me incentivando sempre lutar pelos meus sonhos.

Pai, sua presença significou a base e segurança e a certeza que teu desejo é meu bem maior, mesmo depois do seu falecimento não estou sozinha nessa caminhada.

A meu orientador, Professor Onasayo, pela orientação, paciência e dedicação na elaboração deste trabalho.

Ao professor e coordenador do curso Pablo Marquinho Pessoa Pinheiro, pelo apoio carinho e dedicação.

Aos demais professores que tive o prazer de conhecer e deram sua contribuição ao meu aprendizado que contribuíram para minha formação ao longo do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas.

Ao meu colega de sala, Leomar Silva Pacheco que foi parceiro e amigo, fazendo parte da minha vida, me ajudou a vencer este desafio de contar histórias.

Obrigada!

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo investigar a evolução do Projeto de Contação de História desenvolvido nas instituições de ensino e Casa de Passagem do município de Gurupi estado do Tocantins. Baseia-se no pressuposto de que a Arte Cênica pode ser utilizada pelo professor na contação de história tendo como base a plena formação do indivíduo crítico e pensante, capaz de interferir positivamente para a transformação do meio social em que está inserido. Para tal foi realizada uma pesquisa bibliográfica a luz de renomados autores sendo alguns deles Amaral, Berthold, Benardino, Dohme, Içami Tiba, Sales entre outros. Foi realizada uma pesquisa de campo em quatro escolas e na casa de passagem. Assim, por meio de conversas e entrevistas com professores, coordenação pedagógica e alunos, de forma que se passa a conhecer os efeitos das práticas de leitura nas referidas escolas.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Contos. Ensino.

## **ABSTRACT**

This course conclusion work aims to investigate the evolution of the design of storytelling developed in Gurupi institutions. It is based on the assumption that performing art can be used by the teacher in the story telling based on the full training and critical thinking individual , able to positively affect the transformation of the social environment in which it operates. For such a literature search was conducted to light some of them renowned authors Amaral, Berthold Benardino, Dohme, Içami Tiba, Sales, among others. Alongside a field survey was conducted in four schools and the home of passage Gurupi. Thus, through conversations and interviews with teachers, students and educational coordination, so that's going to know the effects of reading practices in these schools.

**Keywords:** Story telling.Stories.Education.



Não é só a história que importa é a  
maneira de contá-la.

**Cecília Meireles**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Equipe contadores de história – Uso de fantoches.....	24
<b>Figura 2:</b> Montagem do palco no Instituto Passo a Passo – Improviso e adaptação do espaço.....	25
<b>Figura 3:</b> Contação de História no Instituto Passo a Passo – Concentração e atenção das crianças. ....	25
<b>Figura 4:</b> Alunos recontando uma história.....	25
<b>Figura 5:</b> Contação de História no Instituto Beneficente Irmã Dulce.....	26
<b>Figura 6:</b> Contação de História no Instituto Beneficente Irmã Dulce – Participação dos pais.....	26
<b>Figura 7:</b> Contação de História no Hospital Materno Infantil – Adaptação do espaço.....	27
<b>Figura 8:</b> Contação de História no Hospital Materno Infantil – Atenção e alegria das crianças.....	27

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Gráfico 1:</b> Frequência dos alunos a biblioteca.....	31
<b>Gráfico 2:</b> Frequência dos professores a biblioteca.....	32
<b>Gráfico 3:</b> Importância da leitura.....	32
<b>Gráfico 4:</b> Leitura na escola.....	33
<b>Gráfico 5:</b> Leitura em casa.....	33
<b>Gráfico 6:</b> Uso da biblioteca.....	34
<b>Gráfico 7:</b> Uso do livro da biblioteca.....	35

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 IMPORTÂNCIA E HISTÓRIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 As Técnicas de Contação de História. ....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 A Base do Projeto de Extensão “A Arte de Contar História e Outras Técnicas”.....</b>	<b>23</b>
<b>3 ANALISANDO O PROCESSO.....</b>	<b>29</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A TEMÁTICA.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Existe um crescente movimento em todas as áreas do conhecimento, em busca de uma atualização em face das modificações ocorridas na sociedade nas últimas décadas. A contação de histórias é um instrumento motivador e incentivador de atitudes e valores indispensáveis a formação do indivíduo. Além de melhorar a convivência social ela estimula a prática de boas maneiras. Logo, tenta-se através das histórias amenizarem os casos crescentes de *bullying*, racismo e xenofobia que cresce nas escolas a cada dia. A técnica de Contação de Histórias consiste na dramatização da história, utilizando diversos tons de voz associado a gestos e a expressão facial (DOHME, 2010).

Há uma velha máxima teatral no Japão que diz: “O teatro é sabedoria para o povo. Cumpre-lhe ensinar a trilha do dever por meio de exemplos e modelos”. Chikamatsu coloca seus heróis e heroínas entre a natureza humana e a lei moral. “Faz com que eles resistam a todas as tentações com uma conduta exemplar e levamos a encontrar a melhor saída possível a mais justificada eticamente” (BERTHOLD, 2011, p.95).

Apesar de crermos na importância e na relevância do papel dos professores e artistas cênicos, nos últimos vinte anos, o que vimos foi uma desvalorização do papel destes e uma falta de aplicabilidade de seus conceitos e ideias. Já que a dinâmica dos meios de comunicação, televisão e internet, tornaram o método atual desinteressante se comparado aos novos meios de se transmitir informações. Por conseguinte, os alunos perderam o foco e estes têm aprendido cada vez menos.

O grupo também trabalha nas instituições que precisam da contribuição dessa forma lúdica fazendo um trabalho social a Casa do idoso onde participa de forma voluntária, levando alegria e motivação aos idosos.

Este trabalho pretendeu demonstrar que é preciso valorizar o trabalho destes dois profissionais, o ator e o professor visando não apenas o ensino e aprendizagem, mas a formação completa de cidadãos.

## 2 IMPORTÂNCIA E HISTÓRIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

A ausência de lazer e recreação ou espaços próprios para as brincadeiras, a dificuldade no cuidar e a não permitir a presença de crianças nas ruas, justifica o desenvolvimento de pesquisas que venham a apontar soluções para este problema. Especialmente em se pensando nos resultados e na diferença que se pode fazer na vida das crianças.

A literatura é o elo entre o real e o imaginário. As histórias auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos, já que as emoções sentidas com as narrativas preparam-nas para vivenciarem essas emoções no mundo real, de forma mais racional e equilibrada. A literatura acende o imaginário, encanta e deleita o espírito.

Principalmente dos contos de fadas, perspectiva psicanalítica contribuem para o desenvolvimento psíquico e compreensão dos conflitos na infância. Os seus elementos evocam “imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida” (BETTELHEIM, 2004, p.16).

Desta forma a literatura atende a uma necessidade dos alunos ao contribuir com a formação de sua identidade e a construção de uma autoimagem. Nesse sentido o texto literário é um dos caminhos para o autoconhecimento, pois embora se trate de personagens distantes e animais, sempre nos espelham de alguma forma, a cada momento de identificação na leitura. O que pode ajudar a compreender nosso interior (JOUVE, 2002).

Inicialmente, esse contato da criança com o texto acontece oralmente, através da voz de algum familiar, geralmente a figura dos avós ou da mãe, contando contos de fada, histórias bíblicas, histórias inventadas, lembranças da infância e tantas outras.

As histórias estão presentes em nossa cultura há muito tempo, e contar histórias é a mais antiga das artes. Estudiosos dizem que é uma arte milenar e que o hábito de ouvir e contar histórias tem diversos significados, está interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivo (PRIETO, 1999, p.41).

Nas sociedades primitivas essa atividade tinha um caráter funcional decisivo, os contadores eram os que conservavam e difundiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações. Durante séculos, essa cultura se manteve

sem a escrita, mas na memória viva. Transmitidos de geração em geração, os contos de tradição oral viajaram do Oriente para o Ocidente.

Naquela época considerava-se que o contador de histórias era o mais experiente, portador do saber e do conhecimento. Protagonista de um rito familiar e responsável por criar um clima intimista entre as gerações nas sessões de contação de histórias. Geralmente a contação era tarefa dos mais velhos do grupo e depois passou a ter na figura do avô ou da avó o ícone do faz-de-conta, agente de introspecção imaginativa das crianças, jovens e adultos.

Com o advento da imprensa, os livros e jornais se tornaram grandes agentes culturais dos povos. Os velhos contadores ficaram para trás, mas os contos tradicionais se incorporaram definitivamente em nossa cultura. Os Irmãos Grimm e Perrault coletaram e registraram os contos colhidos da boca do povo, permitindo que chegassem até nossos dias. Assim, as histórias ganharam a nossa casa através da agradável voz de nossa avó ou mãe.

E com o passar do tempo, as brincadeiras das crianças incorporaram as simbologias dos contos reproduzindo momentos mágicos extraídos dos livros literários impressos. Os tempos mudaram e os costumes também. Hoje com a preeminência da imagem televisiva, da internet, do computador e da informação, as histórias contadas ou narradas por um interlocutor, oferecem, apenas, um divertimento que está implícito em cada um, com seus valores subjetivos.

Desta forma a relação intimista entre as gerações proveniente dos momentos de contação de história foi suprimida pelo ritmo acelerado dos novos mecanismos da sociedade moderna. E o contador de história foi aos poucos substituído pelo monitor da TV ou do computador (PATRINI, 2005, p.33).

As brincadeiras antes de coletivas, com momentos de introspecção, passam assumir um caráter solitárias e, nos momentos coletivos, reproduzem imagens prontas de uma trama estereotipada. Pais e avós andam corridos na luta do dia a dia e não tem mais tempo para contar história. Nesse contexto é fundamental o resgate do instante mágico da contação de histórias e da leitura.

Na escola moderna, o setor pedagógico é, certamente, o mais preocupado e atuante frente à indisciplina do corpo discente. Fazem parte desse setor a coordenação pedagógica e a orientação educacional.

Conforme legislação estadual e municipal, as funções desses especialistas variam intensamente, sendo que em muitas escolas tais atribuições podem ser unificadas ou então desempenhadas inclusive por professores.

Libâneo propõe uma diferenciação quanto a essas funções:

O coordenador pedagógico supervisiona, acompanha assessora, apoia, avalia as atividades pedagógico-curriculares e sua atribuição prioritária é prestar assistência aos professores em suas respectivas disciplinas, no que diz respeito ao trabalho interativo com os alunos. Já o orientador educacional, onde essa função existe, cuida do atendimento e do acompanhamento escolar dos alunos e também do relacionamento entre escola-pais-comunidade (LIBÂNEO, 2001, p.104).

Como se observa, na atividade destes profissionais, especificamente, estão reunido todos os envolvidos neste processo que é ao mesmo tempo pessoal e profissional. Afinal, como bem afirma Paulo Freire (1996, p.23) “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”.

Tais profissionais desempenham funções especializadas. São formados em cursos de Pedagogia ou adquiriram formação pedagógico didática específica. E com isso adquirem a capacidade de atuar positivamente nessa rede de relacionamentos, evitando que erros do passado não sejam cometidos novamente no presente ou no futuro. Pois estes dois profissionais detêm ainda o conhecimento histórico do processo escolar.

Fica evidenciada, dessa forma, a primeira e mais importante função destes profissionais. O primeiro passo frente à resolução dos casos de indisciplina é dado por eles. Quando pais, professores e alunos já não conseguem entendimento. Içami Tiba (1996, p.99), entende que este bom relacionamento é pautado no entendimento da disciplina escolar como “conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar”. Ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e conseqüentemente, na escola toda.

Para o autor, o coordenador e o orientador possuem funções que não lhes são habitualmente ensinadas no currículo. Tais funções exigem um conhecimento mínimo de dinâmica de grupo e mesmo noções básicas de psicologia para manter a autoridade, mesmo que “sala de aula não é um consultório e escola não é clínica” (TIBA, 1996, p.100).



É necessária uma aproximação entre atores, professores, coordenadores e orientadores, ajudando-se mutuamente. Assim como agem os alunos em face de uma situação problema. Tal aproximação deve ser, sobretudo, constante. A interferência do coordenador pedagógico e do orientador educacional quando feita efetivamente por meio de encontros regulares, entrevistas individuais e dinâmicas coletivas, tratam de garantir ao professor e ao aluno (já estressados nesta relação) uma forma de renovarem ânimo e autoestima. Isso porque a “motivação independe de fatores extrínsecos, depende sim de segurança e aceitação social” (VASCONCELOS, 2000, p.42).

Em resumo, existe um consenso de que os artistas cênicos são elementos humanos necessários as instituições. Verificamos que não é o modelo que está errado, mas a forma como vínhamos nos valendo deste modelo para fazer frente ao problema da indisciplina escolar.

A fórmula aparentemente simples de um suporte de profissionais especializados, que ainda tem a função de servir de elo com pais e demais membros da comunidade escolar envolve algo mais do que discussões estéreis. A raiz do problema funda-se na mudança do modelo de família e na dissolução dos valores sociais e culturais que também se desvanecem. Aliado a esses fatores a falta de vontade política dos governantes, projetos de valorização dos profissionais em educação, má infraestrutura física das escolas, dentre outros.

A desvalorização do profissional começa em seu processo de formação, que é precário, e se estende por sua atuação, tornando muitas vezes aos olhos dos leigos sua atividade irrelevante. Muitas vezes um leigo dotado de alguma sensibilidade.

Ocorre que, além do processo de formação estar atualmente em estado precário. A escola não acompanhou as muitas mudanças sociais e tecnológicas. E o foco da escola é o aluno, o aluno está cada dia mais equipado e atualizado com essas tecnologias, e para atender essa clientela a escola teria que se modernizar, os cursos de formação tendem a desconsiderar essa problemática decorrente das mudanças e não foram acompanhados nos cursos de graduação em pedagogia.

Teoricamente falando, é comprovadamente em decorrência de alguns experimentos pedagógicos de sucesso que nunca deixaram de ser realizados. Os métodos já se encontram disponíveis a quem queira atuar com bom rendimento na área. Experiências de sucesso não faltam, apenas não são valorizadas. Falta, porém

iniciativas para ampliar essas experiências e dar continuidade ao trabalho. Minimizando desta forma a questão do fator indisciplina, como motivo de baixo rendimento escolar, reprovação e abandono.

Agora o que fazer entre a dissonância entre a tecnologia didática pedagógica e a formação de milhares de graduados todos os anos? Muitos passam a atuar profissionalmente em condições precárias, não só as do local de trabalho, como as próprias condições de laboração profissional. Aqui vamos abordar uma questão mais sincrética e abrangente, qual o papel da escola na atualidade.

Esse processo de construção do homem criador ético estava baseado nos famosos doze trabalhos de Hércules, que também eram conhecidos como as doze etapas da transcendência e o local para o seu exercício era chamado de *gymnasium*, que derivou em nossa língua o que ficou conhecido como ginásio, mas seu significado é radicalmente diferente. Ginásio é um dos nomes da escola que frequentamos em nossa juventude, onde somos obrigados a aprender coisas que frequentemente não serão necessárias em nossa vida, além de lições perigosas como mentir, enganar os outros, disfarçar, ridicularizar, etc. Sem exagero, podemos afirmar que as escolas de hoje, por melhores que pretendam ser, além de pouco ensinarem (nos termos humanistas que as civilizações arcaicas haviam desenvolvido), fazem com que os jovens assumam posturas destrutivas que alimentam o círculo vicioso de nossas sociedades insanas (SALIS, 2004, p.131-132).

O autor fornece um triste resumo de nossa realidade. Ainda há umas duas ou três décadas passadas, a escola se concatenava com alguns valores sociais, que mesmo que de forma controversa, eram postos na escola. Hoje a escola está sem referencial algum, não se conecta com a sociedade, e abdicou totalmente o ensino de valores.

A escola de hoje, em sua maioria ensina conhecimentos puramente didáticos, cuja maioria dos mesmos, como bem posto pelo autor acima citado, jamais serão usados pelos alunos no correr da vida. A família abdicou dos ensinamentos humanísticos das crianças, e a escola também. Que outro comportamento pode esperar de seres em formação, que não tem formação alguma?

Mesmo que se resgate, o profissionalismo, o que por si já é uma tarefa complicada, os desafios não acabarão, pois ainda teremos de situar o novo papel da escola, diante de uma sociedade pluralista, que carece de valores referenciais de comportamento.

Há uma velha máxima teatral no Japão que diz: “O teatro é sabedoria para o povo. Cumpre-lhe ensinar a trilha do dever por meio de exemplos e modelos”. Chikamatsu coloca seus heróis e heroínas entre a natureza humana e a lei moral. “Faz com que eles resistam a todas as tentações com uma conduta exemplar e levam os a encontrar a melhor saída possível a mais justificada eticamente” (BERTHOLD, 2011, p.95).

Quem dará o tom destes novos valores implementados na escola, serão justamente este profissional que quer atuar de uma forma diferenciada através de histórias. O relato aqui exposto tem como finalidade amenizar as dificuldades de aprendizagem e socialização na infância que também refletirão na vida adulta do indivíduo. Tais como: déficit de atenção, indisciplina, falta de interação entre professores e alunos entre outros.

Além disso, nas escolas contemporâneas percebe-se uma falta de alternativa para lidar com tais problemas. A contação de histórias é uma alternativa relativamente barata, acessível, e pode ser praticada pelos professores e até mesmo pelos próprios alunos. Mostra que é possível inovar na escola contando histórias resgatar métodos milenares num mundo tecnológico através da arte dramaturgica.

O Teatro é uma forma lúdica de se expressar, trabalhar a linguagem cênica além da socialização e interação do grupo com público e deste com a apresentação. Ele possui suas diversas formas de manifestação artística uma delas é a de fantoche, em que bonecos interagem entre si e com os atores e o público (BERTHOLD, 2011, p.381).

Este tipo de teatro apresenta diversas vantagens inexistentes em outros tipos: como a praticidade, o pequeno número de atores. O mesmo ator pode “dar vida” a vários personagens. E não é necessário um grande investimento financeiro. Até mesmo os atores mais introspectivos podem manifestar seu talento atrás das cortinas e com tempo ter coragem para subir no palco e atuar por si próprios.

Os estudantes, em especial as crianças, têm demonstrado diversas características que dificultam o aprendizado. Sendo elas, a falta de concentração, a indisciplina, desinteresse pelos conteúdos, intolerância para com o próximo. Além disso, com a ascensão da televisão e da internet os programas infantis tornaram-se muito mecânicos e sem emoção e pouco ajudam às crianças quanto ao aprendizado.

Os ensinamentos e a dinâmica proporcionados pela contação de histórias amenizariam tais dificuldades. Principalmente àquelas relacionadas às artes e expressões corporais. Aumenta, o interesse das crianças pela leitura e conseqüentemente melhora o desempenho destas em outras disciplinas como português, literatura e redação (MACHADO, 2001, p.37).

O fator principal é carência humana, as crianças se encontram no período frágil e triste como estar doente, quando vê o grupo vai sendo contagiada com a alegria e no final nos presenteia com um sorriso.

As histórias são úteis na transmissão de valores por que dão razão de ser aos comportamentos humanos. Tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto. A criança é incapaz de raciocinar no abstrato (BALDI, 2009, p.35).

Assim, virtudes, maus hábitos, defeitos ou esforços louváveis que interferem no comportamento social do indivíduo, gerando conseqüências na sua vida, não podem ser entendidos com esta clareza pelas crianças. Falta referencial capaz de associar uma questão de comportamento a um fato: Fulano agiu assim e deu-se mal. A falta de lealdade de Beltrano fez a verdade vir à tona. Se nós adultos, com tanta vivência, muitas vezes nos perdemos na tentativa de associar tendências a fatos, tendo dificuldade de prever se determinada atitude levará à melhor situação O que pensar das crianças com pouca experiência e com um mundo todo a descobrir! A história trará este referencial, transformará o abstrato. (DOHME, 2010, p.12).

## **2.1 As Técnicas de Contação de História**

Toda ciência vem passando pelo drama de encontrarem uma finalidade, uma aplicabilidade para si dentro do contexto das últimas mudanças tecnológicas e avanços sociais, e diante das novas problemáticas surgidas.

Apesar de crermos na importância e na relevância do papel dos professores e artistas cênicos, nos últimos vinte anos. O que se percebe é a desvalorização do papel destes e uma falta de aplicabilidade de seus conceitos e ideais.

Já que a dinâmica dos meios de comunicação, televisão e internet, tornaram o método atual desinteressante se comparado aos novos meios de se transmitir informações. Por conseguinte, os alunos perderam o foco e estes têm aprendido cada vez menos (PATRINI, 2005, p.26).

A técnica de contação de histórias consiste no exercício da criatividade com a entonação da voz, gestos e a expressão facial. "O ideal é deixar de lado a leitura sisuda e abusar da espontaneidade, para criar vínculos com a criança" (DOHME, 2010, p.39).

O uso das histórias para educar é um excelente instrumento, pois as crianças gostam de ouvir histórias. Além disso, estreita os laços entre educador e aluno. Os temas são inesgotáveis, exigência de poucos recursos materiais, pode ser usada para abranger diversos aspectos educacionais. Por meio dos exemplos contidos na história as crianças podem vivenciar diversos impulsos emocionais. Estabelecem modelos para a vida toda por meio dos efeitos causados e pelas reações e aos instintos comuns do aos seres humano e o reconhecimento de fatos e efeitos causados pelos instintos.

A escolha da história é primordial. Deve se considerar a idade. É fundamental pronunciar bem as palavras, fazer pausas para dar a sensação de suspense. Aumentar a velocidade da voz para passar emoção e diminuí-la para transmitir serenidade. Ou alterar sons agudos e graves para personagens diferentes a fim de que as crianças não se distraiam nem percam os detalhes (BALDI, 2009, p.32).

As histórias podem ser usadas para trabalhar aspectos internos das crianças tais como caráter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico, disciplina. Além disso, valores como alegria, amor, compartilhamento, confiabilidade, cooperação, coragem, cortesia, honestidade, igualdade, justiça, lealdade, limpeza, misericórdia, paciência, paz, respeito, responsabilidade, solicitude e tolerância (DOHME, 2010, p.15).

O que buscamos com este trabalho, é definir a necessidade de se valorizar o trabalho destes dois profissionais, o ator e o professor. A própria Pedagogia como um todo carece de valorização, para a educação, em especial nas relações humanas embutidas dentro das comunidades escolares, que necessitam de profissionais com uma formação científica adequada, para mediar estas relações.

O teatro de bonecos é uma forma antiga de expressão artística originada por volta de três mil anos atrás. Desde então, os bonecos foram usados para animar e comunicar ideias ou necessidades de várias sociedades humanas. Os estudantes, em especial as crianças, têm demonstrado diversas características que dificultam o aprendizado. São eles, a falta de concentração, a indisciplina, desinteresse pelos conteúdos, intolerância para com o próximo e entre outras. Os ensinamentos e a dinâmica proporcionados pela contação de histórias amenizariam tais dificuldades principalmente àquelas relacionadas às artes e expressões corporais (DOHME, 2010, p.41).

Muitas vezes os educadores têm dificuldade para perceber as necessidades educacionais de seus alunos e saná-las satisfatoriamente. Tal fato ocorre devido a vários fatores como métodos de aprendizagem obsoletos e que não mais se encaixam às novas demandas nas quais, por exemplo, há o predomínio da hiperatividade de grande parte dos alunos.

As histórias facilitam a absorção de valores abstratos difíceis para as crianças de compreender seus significados num contexto isolado. A história tem o poder de transformar o abstrato em concreto aumentando a vivência da criança e também suas possibilidades dentro do relacionamento social. Ela ensina a criança a crescer e pensar (MACHADO, 2001, p.13).

Um dos aspectos importantes na contação é a escolha da história. Pode se escolher dentre diversas fontes, tais como conto de fadas, fábulas, lendas folclóricas, passagens bíblicas, fatos históricos, fatos do cotidiano e narrativas de aventuras. Depois de escolher de acordo com a faixa etária com habilidade e dedicação é possível fazer adaptações. Em seguida deve se estudar a história para pensar, preparar a narração, fazer as adaptações e selecionar os elementos auxiliares e qual a técnica. Identificar os quatro elementos da história, a introdução, enredo, ponto culminante e desfecho.

Nessa fase é essencial perceber a mensagem implícita na história e seus elementos essenciais e seus acessórios. Nessa fase é importante abstrair o potencial educacional da história. Construir uma ficha descritiva pode ajudar nesse sentido.

Ao narrar a história, tomar cuidado no controle do tempo. Narrativas longas são cansativas. Também não é bom detalhar demais para não se tornar monótona a história (MACHADO,2001 p.21).

Acomode bem os alunos para evitar interrupções. Incentivar uma discussão entre as crianças ou aplicar uma atividade que proporcione a reflexão sobre o que foi narrado. Falar em público de maneira clara e de forma a prender a atenção exige dicção, volume, velocidade, tonalidade e vocabulário. É a combinação desses elementos que dará o tom artístico da mensagem (DOHME, 2010, p.25).

Alguns cuidados são importantes na pronuncia de algumas palavras. Os vocábulos terminados em R, S e L e os encontros consonantais como BR, DR, PL, GR e TR devem ser cuidadosamente pronunciadas, além disso, as palavras devem ser pronunciadas separadamente, ou seja sem emendar as palavras de uma mesma frase (DOHME, 2010, p.44).

A linguagem corporal assim como a leitura em sí é fundamental ser treinada também. Os gestos e as expressões faciais devem estar coerentes com a narração. O semblante vai comunicar a emoção do nosso interior. Ele fala mais que as palavras. Nesse sentido é bom evitar gestos bruscos ou exagerados, pois eles competirão com a própria narração.

Contar histórias tem como objetivo agradar o público, para isso deve se fazer uso de todos subterfúgios possíveis. O uso do silêncio desperta a sensação de suspense e valoriza a próxima fala.

As imitações é outro instrumento muito útil. Usar a voz de uma princesinha dócil ou de um monstro valente prende a atenção do público. Imitar a voz de animais, dos ventos e outros sons naturais ajuda da dar vida a história. Um artifício interessante é dispersar-se. De repente olhar para outro lado, ou interessar-se por outra coisa também chama muito a atenção. Ou ainda, olhar o firmemente o infinito em silêncio.

O uso de elementos externos relacionados aos personagens deve ser usado sem exageros, para não descaracterizar uma simples narração. Para falar do gnomo, usar o chapéu típico, a varinha de condão para representar a fada, a bola de cristal, ou um espelho, um baú, uma capa, um véu. Tudo isso são recursos simples prático e acessível que vão incrementar a narração (DOHME, 2010, p.32).

Outros recursos auxiliares permitem a crianças viajarem no maravilhoso mundo da fantasia das crianças. E aos adultos cabe o dever e oportunidade de transportá-la a esta emoções. Pode se usar o próprio livro ao contar a história. As folhas do livro ligadas uma a outra enroladas num rolo de filme pode ser usada como num cineminha. O uso das figuras do livro, imagens em cartazes no cenário, figuras

sequenciais, fantoches, flanelógrafo, teatro de sombras, dobraduras, placas, maquetes, bocões tipo ventrículos, marionetes, cantigas, deboches etc. (MACHADO, 2001, p.37).

Uso de um objeto real que faz parte do enredo, por exemplo, uma caixa mágica, aumenta o suspense. Pode pedir para fecharem os olhos e criar a sensação de vento com um ventilador, de odor com spray de ambiente, de chuva. Dar vida a um personagem ao final da história. Por exemplo, o surgimento de um cacique ou da Emília para ser entrevistada ao final da história (DOHME, 2010, p.45).

Não há limites para criatividade, a associação de um recurso com outro enriquece o cenário e a história. Saber encerrar ou acelerar o fim quando ficar denotado que a plateia já cansou ou não está gostando é uma boa saída. Isso ajuda a evitar danos maiores e evita o fracasso. Uma análise posterior ajudará a encontrar a falha e em outras tentativas poderão ser corrigidas.

É preciso muito treino. Treinar diversas vezes a leitura pausadamente e em voz alta. Ajuda fazer isso frente ao espelho ou gravar a leitura e ouvir para identificar e aprimorar evitando novas falhas. Observar a plateia ajuda na orientação dos fatos e indica a reação e nos ajuda a aprimorar a performance (*timing*).



## **2.2 A Base do Projeto de Extensão “A Arte De Contar História e Outras Técnicas”**

O Projeto de Extensão “A Arte de Contar História e Outras Técnicas” nasceu de iniciativa particular de uma educadora e ganhou apoio da família aliando o dom artístico aguçado à arte de contar histórias.

Assim foi criado o Grupo Dó Ré Mi que atua contando histórias nas escolas, hospitais, abrigos desde 2005, sob liderança da educadora, orientadora, professora, arte-educadora e contadora de histórias, Rosemary Aparecida Zanholo dos Santos.

Contar histórias é uma atividade prazerosa. O carinho recebido das crianças engrandece a alma e ajuda a fortalecer os laços com infância. É uma atividade que faz bem ao coração e à alma, proporcionando ao contador uma vida com mais amor, seja ela por parte das crianças ou por parte do seu amor pelas histórias. O lugar onde a história é contada ganha magia, encanto, mistério e aventura.

A contação de história é voluntariada voltada para promoção de cultura e aprendizado de crianças de creches, hospitais e na casa do idoso de Gurupi.

O material utilizado, assessórios, parafernálias, roupas personalizadas e recursos auxiliares foram sendo criados pelo grupo a medida que os trabalhos iam se desenvolvendo.

Os livros foram doados por amigos e algumas histórias foram escritas ou adaptadas pela organizadora do grupo. Os livros são selecionados pelas temáticas comportamentais direcionados para desenvolvimento de práticas como o amor, a bondade, preconceito, empatia e solidariedade entre outros.

A vivencia dos resultados desse trabalho levou para dentro da sala de aula momentos de contação de história aos alunos da pré-escola, depois o fundamental I e fundamental II. Atualmente o grupo possui três componentes, além da fundadora, Letícia Zanholo Santos e Leomar Silva Pacheco (Figura1).

**Figura 1** - Equipe contadores de história- Uso de fantoches.



**Fonte:** Zanholo (2013).

Posteriormente o Projeto de Pesquisa e Extensão aplicado a contação de histórias foi apresentado, reconhecido e aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ). Embora venha sendo realizado desde 2005, será aqui relatado somente o período em que foi realizado o projeto de extensão e pesquisa do CNPQ, ou seja, de agosto de 2013 a setembro de 2014. O projeto nasceu com objetivo de materializar de forma científica as experiências como educadora e contadora de história, aliando as artes cênicas e a arte de ensinar.

Desta forma, proporcionar aos alunos momentos de aprendizagem de maneira lúdica ao ponto de despertar neles o gosto pela leitura e pela arte, o desenvolvimento da escrita, e o resgate de valores como respeito, empatia, cultura, preconceito, *bulling*, solidariedade e amor a si e ao próximo.

Nesse período foi implantada a contação de história dentro da disciplina de artes nas seguintes escolas: Creche Maria de Nazaré, Creche Irmã Dulce, Instituto Passo a Passo, Escola Municipal Ulisses Guimarães, Escola Estadual Vila Guaracy, Escola Bernardo Sayão, Hospital Materno de Gurupi e Casa de Passagem (Figura 2 e 3).

**Figura 2:** Montagem do palco no Instituto Passo a Passo – Improviso e adaptação do espaço.



Fonte: Zanholo (2013).

**Figura 3:** Contação de História no Instituto Passo a Passo – Concentração e atenção das crianças.



Fonte: Zanholo (2013).

O objetivo era proporcionar prazer de ouvir histórias, desenvolver o gosto pela leitura, por meio de dramaturgia e encenações baseadas em literatura infantil. Nestes momentos os alunos foram incentivados a contar o que entenderam da história e produzir desenhos depois da contação história.

As aulas de artes eram realizadas por turma uma vez por semana de acordo com conteúdo pragmáticos a serem aplicados considerando a aula e o tema, e o humor da turma. Os alunos demonstram muita ansiedade pelo dia da aula de contação e procuram ser comportados e prestam muita atenção. Nessas aulas eram produzidos recursos didáticos com reaproveitamento e reciclagem de materiais para serem utilizados na contação de história, conforme figura 4.

**Figura 4:** Alunos recontando uma história.



Fonte: Zanholo (2013).

O êxito do projeto Grupo Dó Ré Mi, veio em decorrência do estímulo da percepção visual, auditiva e cênica. Tem como proposta inovar práticas educacionais, resgatar a figura do contador de história, decorre também do apoio, da participação e da total adesão familiar e da instituição de ensino. Parte do princípio de que os ótimos resultados já obtidos, quando aplicados em outras situações como em creches, escolas e hospitais.

As escolas recebem muitos e variados tipos projetos. Outras instituições como creches, casa de passagem, casa do idoso e hospitais não são comum esse tipo de trabalho por isso receberam bem a iniciativa de contação de história. O que está evidenciado em todas as figuras.

**Figura 5:**Contação de História no Instituto Beneficente Irmã Dulce.



**Fonte:** Zanholo (2013).

**Figura 6:** Contação de História no Instituto Beneficente Irmã Dulce – Participação dos pais



**Fonte:** Zanholo (2013).

As crianças depois da introdução do projeto prestavam mais atenção e aprenderam a ouvir e a se expressar melhor durante as atividades em casa e na sala de aula. As crianças no ambiente hospitalar ficaram mais animadas, o que pode ter ajudado no processo de sua recuperação.

A alegria dispersa a ansiedade e dor, distrai a atenção. Nos momentos de contação é como se a criança saísse um pouco do hospital e isso faz bem pois com a autoestima elevada melhora-se os ânimos e fortalece a esperança.



**Figura 7:** Hospital Materno Infantil – Adaptação do espaço.



**Fonte:** Zanholo (2013).

**Figura 8:** Hospital Materno Infantil – Atenção e alegria das crianças.



**Fonte:** Zanholo (2013).

A atenção, o carinho e a forma lúdica do teatro que envolve completamente as crianças. Ademais elas se identificam com os personagens e seus dilemas e tornam-se mais maleáveis na resolução de seus próprios problemas: como desobediência, a necessidade de astúcia em determinadas situações e a importância do amor e o carinho nas relações familiares.

Em outro caso, no desejo de obter a confiança e a simpatia do aluno, o professor busca uma relação mais próxima e se despe da autoridade que lhe é característica. Igualando-se ao aluno de tal forma que estes não conseguem vê-lo como liderança e tampouco executa seus comandos, em outras palavras, o saber expressar.

No entanto, a relação professor-aluno mudou para aluno-professor, uma vez que foi modificada também a própria visão da escola. Hoje, o aluno ocupa o centro de todo o processo porque a sua aprendizagem passou a ser prioridade efetiva dentro do cotidiano escolar, que quer e proclama ter um aluno atuante, crítico, participativo, mas ao mesmo tempo também quer ser prontamente atendido, obedecido e aceito.

Eis a polêmica, pois nos encontramos numa crítica fase de transição, em busca de novas formas de trabalho voltadas para esta nova realidade que se faz presente na escola. Vasconcelos (2001) esclarece esta fase da educação atual da seguinte forma:

A educação constitui-se em possibilidade democrática de universalização do conhecimento, facultando a todos iguais condições de exercício consciente da cidadania, desenvolvimento individual, participação consciente tanto na sociedade, quanto em seus processos produtivos (VASCONCELOS, 2001, p.12).

Diante desta complexidade criada em torno da temática anteriormente suscitada, surge a necessidade de inserir o professor artista contador de histórias como meio de realizar um entendimento entre crianças, professores e famílias para que tal problemática possa ser suficientemente esclarecida e não acarrete em nenhum empecilho para o processo ensino-aprendizagem e sim acrescentar uma forma lúdica. Não só nas escolas mas também nas instituições que precisam da contribuição dessa forma lúdica como: a Casa do idoso onde o grupo participa de forma voluntária, focando a realidade do idoso.

### 3 ANALISANDO O PROCESSO

Para a elaboração dos estudos apresentados, foi necessário ir a campo: quatro escolas de nível fundamental I e II e a Casa de Passagem em Gurupi Estado do Tocantins. Todas essas instituições participaram do Projeto de Extensão “A arte de contar histórias e outras técnicas”.

Foram adotados como instrumentos para coleta de dados: a aplicação de questionário aos professores com oito questões e entrevista semiestruturada, com vinte e duas questões aplicadas aos dez alunos de 1º ao 9º ano referente a prática de leitura.

O questionário dos professores foi com respostas abertas, com objetivo de se estabelecer alguns conceitos e conhecer a rotina da biblioteca e o planejamento. A entrevista semi estruturada dos alunos foi dividida em dois tipos de questões, parte com respostas fechadas e parte com questões abertas, para que se pudesse aproximar mais da realidade dos alunos e compreender melhor alguns aspectos do temas abordados.

Nessas instituições foram entrevistados quatro professores e um coordenador. A entrevista com os professores teve dois propósitos. Um de solicitar a seleção de alunos leitores e não leitores. O outro objetivo foi conhecer sobre o uso da biblioteca. Os professores indicaram dez alunos leitores e não leitores com faixa etária de 8 a 15 anos. Consideramos ser o professor desta disciplina o que mais utiliza os serviços da biblioteca. O objeto principal da pesquisa foi a conversa orientada com os dez alunos dessas instituições. As escolas selecionadas foram as que receberam o Projeto de Extensão A Arte de Contar Histórias e outras Técnicas, bem como os alunos que fizeram parte desse projeto.

Conforme nos alerta Bernardino (2008, p. 76), com a leitura, ocorre uma produção de sentidos, em que o leitor passa a desempenhar um papel ativo, sendo que as inferências fazem parte de um relevante processo cognitivo referente a esta atividade.

É por isso que a escola é produtora de uma interação recíproca entre leitor e texto. Nesse sentido, a biblioteca escolar passa a ser uma importante aliada tanto dos professores quanto dos alunos.

Pensando nisso, a biblioteca escolar deve ser bem estruturada e contar com um profissional bibliotecário capacitado, capaz de direcionar o trabalho de propagação da informação, de maneira atuante, dinâmica e criativa.

Com isso, certamente, a escola contará com um ambiente favorável não só à aprendizagem, mas também para a formação de leitores assíduos, críticos e aptos a continuar seus estudos posteriores com maior facilidade e eficiência.

Como resultados das entrevistas, constatou-se que as quatro escolas possuem biblioteca. A Casa de Passagem não possui biblioteca, os livros ficam na coordenação e são disponibilizado quando solicitado pelos internos.

Quanto ao tempo de serviço, com exceção da professora da Casa de Passagem, os demais professores têm mais de nove anos de atuação na área educacional. Demonstrando muita experiência na área educacional.

O conceito de bom leitor para alguns professores “é o aluno que vai à biblioteca sozinho”, “que tem curiosidade de pegar livros para olhar gravuras e participa dos momentos de leitura”. E o mau leitor é o aluno que tem “preguiça”, “não vai a biblioteca sozinho”. “O aluno que nenhum dos muitos recursos oferecidos lhes chama a atenção”, o mau leitor além de não gostar de ler “atrapalha quem gosta de ler”.

Três professores entrevistados afirmaram que o material disponibilizado na biblioteca são satisfatórios e auxiliam positivamente em sua prática educativa e um professor disse que não é satisfatório. A sala de biblioteca deve estar sempre dentro do planejamento das atividades do professor, para proporcionar maior contato entre livro e alunos.

Três professores informaram que a estrutura física das bibliotecas atendem bem as necessidades dos alunos. Um professor disse que a estrutura física das bibliotecas não atende e que o acervo não é regular, pois, não há um número adequado de livros para atender ao número de alunos das turmas.

Nesse caso as práticas de leitura são feitas coletivamente. O que se torna um ponto negativo, pois o fato de dividirem o mesmo livro cria uma dispersão da concentração na hora da leitura.

Os demais professores afirmaram que o acervo para leitura é regular. Um acervo regular facilita tanto para o trabalho do professor quanto para o aluno.

As séries que mais utilizam os serviços da biblioteca são do 4ºano em diante. Em duas escolas a frequência dos alunos na biblioteca é de uma vez por semana e



em uma escola é mais de duas vezes por semana.

Confira como ficam esses dados no gráfico 1 logo abaixo.

**Gráfico 1:** Frequência dos alunos a biblioteca



**Fonte:** Zanholo (2014).

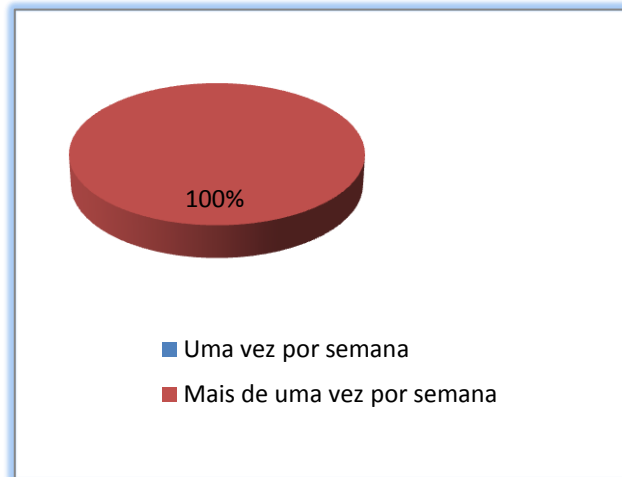
Nota-se um ponto negativo, pois uma vez por semana é pouco para a formação de leitores assíduos e críticos em relação ao que leem e ao mundo que os cerca.

Os professores que mais utilizam os serviços da biblioteca é o professor de língua portuguesa, embora os demais também frequentem a biblioteca.

Quanto a regularidade de frequência dos professores à biblioteca, todos frequentam mais de uma vez por semana. Sobre a biblioteca Amato e Garcia (1998, p.14) ressaltam que,

A biblioteca escolar deve existir como um órgão de ação dinamizadora e não cair na passividade que, às vezes, nos leva a não efetuar um trabalho difusor de informações por não nos sentirmos estimulados e respaldados por aqueles que seriam, em primeira instância, beneficiados pelo trabalho da biblioteca (AMATO, GARCIA, 1998, p.14).

Quanto a regularidade de frequência dos professores à biblioteca, todos frequentam mais de uma vez por semana, observe o gráfico abaixo.

**Gráfico 2:** Frequência dos professores a biblioteca

**Fonte:** Zanholo (2014).

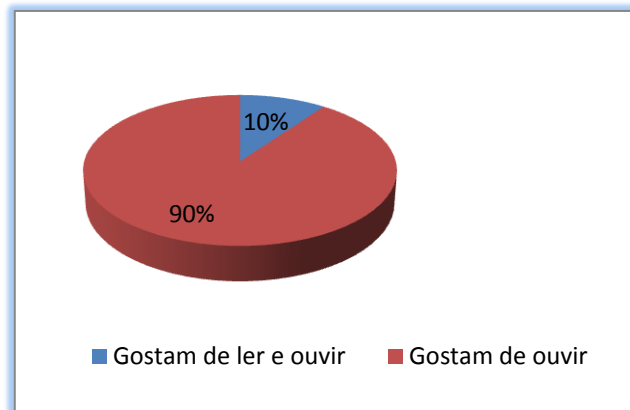
Os alunos das escolas deslocam livremente para biblioteca para retirar livro, alguns fazem isso na hora do recreio, porém em uma das escolas eles somente vão a biblioteca junto com o professor da turma.

Durante a entrevista com os alunos todos eles com exceção de um apenas, concordam que é importante lermos histórias. Alguns justificaram que “ler é bom”, que “a leitura incentiva novas leituras”, “que senti coisas diferentes e inspira a imaginação”. Veja a representação desses dados no gráfico 3.

**Gráfico 3:** Importância da leitura

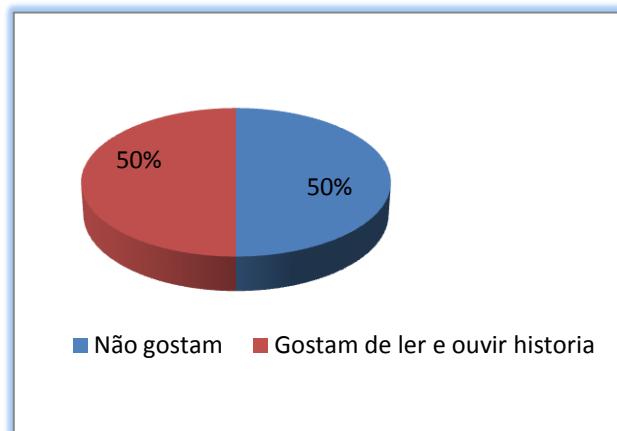
**Fonte:** Zanholo (2014).

Quanto a se é melhor ler sozinho ou ouvir a professora contando história, um aluno respondeu que “as duas formas são importantes, pois, passa a despertar novas descobertas para o estudante”. Mas a maioria gosta mesmo é de ouvir a professora contando histórias, confirma no gráfico 4 abaixo.

**Gráfico 4:** Leitura na escola

**Fonte:** Zanholo (2014).

Metade dos alunos não costuma ler em casa. A outra metade disse que costuma ler e “ouvir história contada pelos pais ou irmão mais velho”. Veja no gráfico 5 a seguir:

**Gráfico 5:** Leitura em casa

**Fonte:** Zanholo (2014).

Quanto a se é mais interessante ouvir uma história contada ou ler um livro. Metade dos alunos acham mais interessante ler e a outra metade prefere ouvir histórias contadas.

Comparando os gráfico 4 e 5 os dados mostram que todos gostam de ouvir histórias em especial na escola. Possivelmente pela metodologia utilizada pelo contador ou professor que agrada mais que a leitura em casa. Veja o comentário de um dos alunos que justifica essa conclusão:

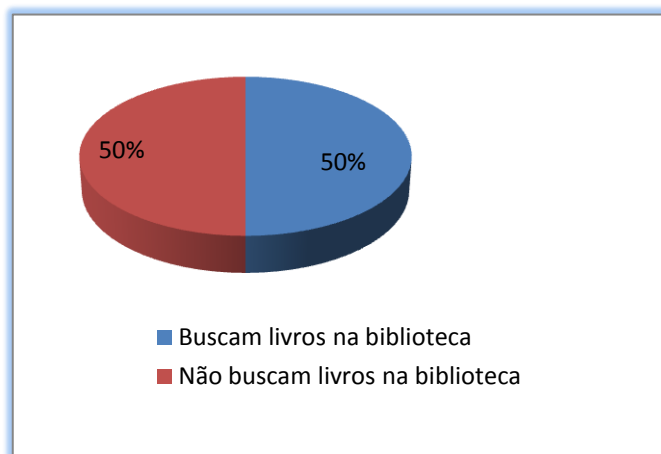
“Que a sensação de estar na sala de aula ouvindo a professora contando uma história é muito boa, que em seguida todos querem comentar a história. Que é uma grande felicidade ouvir a professora contando história” (Aluno da pesquisa, 2014).

Todos concordaram que “seria muito chato se a professora nunca contasse história para a sua turma”.

Somente um dos alunos costuma ler novamente a história contada pela professora ou por alguém. Os demais disseram que não costuma a ler novamente a história contada pela professora.

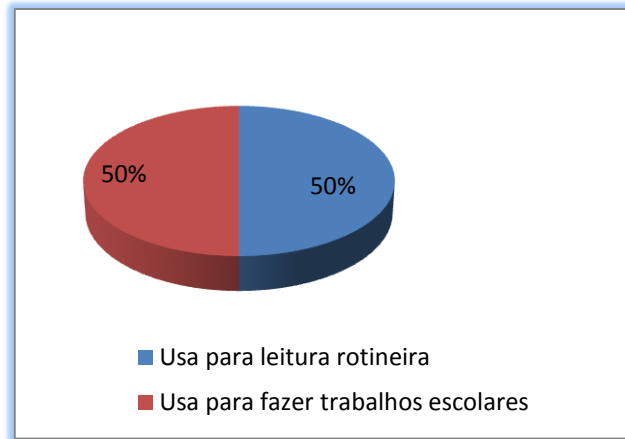
Se costuma buscar livros na biblioteca para ler em casa ou no intervalo de aulas, dois alunos responderam que vão somente com a professora, outros vão sozinho e que não tem hora certa.

**Gráfico 6:** Uso da biblioteca



**Fonte:** Zanholo (2014).

Metade dos alunos afirma que a ida a biblioteca é para buscar livros a pedido do professor por fazer parte de algum trabalho. E outra metade buscam espontaneamente porque gostam. Geralmente fazem isso mais de uma vez na semana.

**Gráfico 7:** Uso do livro da biblioteca

**Fonte:** Zanholo (2014).

A qualquer hora eles têm acesso à biblioteca ou na hora do recreio. O que pode ser considerado um ponto positivo, pois a acesso a biblioteca tem que ser uma atitude livre e prazerosa.

É necessário que os professores planejem mais atividades no espaço destinado exclusivamente à leitura, que é a biblioteca. E que o acesso à biblioteca tem que ser livre para aumentar o contato do aluno com os livros e aumente também o interesse pela leitura. Mesmo que vão à biblioteca para buscar livro para as atividades, pode se dizer que é uma forma de aumentar o contato com o acervo. Manuseando em busca do livro para o trabalho, pode ser que desperte o interesse por outra obra.

Quanto mais se lê, mais e melhor se aprende. O professor deve dar liberdade e se colocar pronto para influenciar, sugerir, incentivar e mediar a leitura. Garcia (1992, p.37), nos diz que:

Mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único a saber o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior (GARCIA 1992, p. 37).

Nenhum dos alunos gosta quando a professora conta “história sem mostrar o livro”. Comentaram que as imagens são tudo no livro. Que um livro sem figuras é “sem graça e muito ruim de ler”. Todos gostam muito, quando a pesquisadora conta histórias. “É muito animado é mais legal quando a pesquisadora conta história”.

Todos os alunos afirmaram que primeiro folheiam o livro depois é que inicia a leitura. Citaram os livros A Cobra Grande e o Sítio do Pica Pau Amarelo. Todos sentiram a sensação de fazer parte da história e ou a impressão de ter vivido alguns fatos da história. E que se pudesse ou se você fosse o personagem principal da história mudaria o final da história. “Mudaria os vilões” e que “eles virariam pessoas de bem”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA

Diante do que foi exposto pode se dizer que a arte de contar história pode ser mais incentivada nas escolas. Embora os alunos que participaram do projeto apresentaram gosto por ouvir histórias, a leitura precisa ser praticada tanto em casa quanto na escola com maior frequência. Pois eles gostam mais de ouvir a professora contadora que eles fazerem a leitura.

O trabalho de contação de história é uma atividade muito importante. Infelizmente o artista cênico não faz parte do quadro educacional. E esse trabalho tem sido realizado pelos próprios professores. E o projeto PIBIC deu mais consistência teórica ao TCC.

Assim cabe ao professor de língua portuguesa ou artes esse papel de contação de história fazendo uso de recursos materiais auxiliares para chamar e prender a atenção dos alunos. Porém na formação do professor em especial o pedagogo, que geralmente é o professor de língua portuguesa, não tem na sua formação conteúdo para ser aplicado na dramaturgia da contação de história.

A contação de história pode contribuir para o resgate de valores éticos importantes na formação da criança. Ajuda no desenvolvimento da linguagem escrita e falada, melhora o comportamento, a sociabilidade e contribui para o desenvolvimento de alunos leitores.

Percebe-se nas falas das crianças e de professores que o projeto Contação de História trouxe mais alegria na escola. Que os professores devem usar essa metodologia e ampliar a sua atuação nesse contexto.

Ao utilizar as artes cênicas como um instrumento eficaz no ensino e aprendizagem na sala de aula ou nas instituições para idosos. Uma vez que a contação, envolve a imaginação e desperta a criatividade além de inculcar valores morais de forma lúdica.

## REFERÊNCIAS

AMATO, Mirian. GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**. Porto Alegre RS: Projeto Ltda, 2010.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. **A imagem do aluno leitor pelo professor: entre o discurso e a prática pedagógica**. Recife: Livro Rápido, 2008.

BETTELHEIM, Brunno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 18. ed. Tradução. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira. **As Artes no Universo Infantil**. Porto Alegre, Meditação, 2012.

DOHME, Vania. **Técnicas de Contar Histórias**. São Paulo: Vozes, 2010.

FILHO, José Nicolau Gregorin, **Literatura Infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDARA, Mari. **Atividades ritmadas para crianças**. Campinas, SP: Átomo, 1999.

GOUVEIA, Maria Helena. **Viva e Deixe Viver: histórias de quem conta histórias**. São Paulo: Globo, 2003.

LAING, Ronald D. **O eu e os outros: o relacionamento interpessoal**. Petrópolis: Vozes, 1986.

LEESON, ROBERT. Sherazade. **Contos das mil e uma noites**. São Paulo: Moderna, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola Fundamental**. Campinas, SP: Papirus Editora, 2010.

MACHADO, Maria Clara. **A aventura do teatro e como fazer teatrinhos de bonecos**. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: Emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.



PRIETO, Heloísa. **Quer ouvir uma história:** Lendas e mitos no mundo da criança. Col. Jovem Século XXI. São Paulo: Angra, 1999.

SALIS, Viktor D. **Ócio Criador:** Trabalho e Saúde. São Paulo: Claridade, 2004.

TIBA, Içami . **Disciplina:** limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELOS, Maria Lúcia. **Indisciplina, escola e contemporaneidade.** São Paulo: Pioneira, 2000.

**APENDICE – QUESTÕES DE PESQUISA****NA ESCOLA**

1 A escola possui biblioteca? Sim ( ) - Não ( )

2 A biblioteca fornece materiais são satisfatórios? Sim ( ) - Não ( )

3 Estrutura física das bibliotecas atendem bem as necessidades dos alunos?  
Sim ( ) - Não ( )

4 O acervo para leitura é regular, ou seja, não há um número adequado de livros para atender ao número de alunos das turmas? Sim ( ) - Não ( )

5 Quais séries iniciais mais utilizam os serviços da biblioteca?  
1ºano ( ) - 2º ano ( ) - 3ºano ( ) - 4ºano ( ) - 5ºano ( )

5.1 Qual a regularidade de frequência dos alunos à biblioteca?  
( ) Uma vez por semana. ( ) Mais de uma vez por semana.

6 Quais professores mais utilizam os serviços da biblioteca?  
Língua Portuguesa ( ) - Redação ( ) - Geografia ( ) - Matemática ( ) - História ( )  
Ciências ( )

6. Qual a regularidade de frequência dos professores à biblioteca?  
( ) Uma vez por semana. ( ) Mais de uma vez por semana.

7 Quando os alunos podem e deslocarem a biblioteca para retirar livro? Faz isso livremente ou somente junto com o professor e a turma? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## OS PROFESSORES

Questionário para ser aplicado aos professores de língua portuguesa que participaram do Projeto PIBIC(Rose) com objetivo de selecionar alunos a serem entrevistados.

Professora de portuguesa- Escola \_\_\_\_\_ Tempo de trabalho: \_\_\_\_ anos  
O que seria para você um aluno “**bom**” e um aluno “**mau**” leitor?

---



---



---



---

## OS ALUNOS

O roteiro norteador da entrevista abaixo servirá para instigar a conversa com o visando promover a discussão, confrontar opiniões e vivencias.

- Para vocês é importante lermos histórias? Por quê?
- É melhor ler só ou ouvir a professora contando história?
- E em casa, costuma ler ou ouvir histórias?
- Quem costuma contar histórias para vocês em casa?
- Acha mais interessante ouvir uma história contada ou ler um livro?
- Como vocês aprendem mais ouvindo ou lendo histórias? Ou é tudo a mesma coisa?
- Qual a sensação de estar na sala de aula ouvindo a professora contando uma história?
- Como seria se sua professora nunca contasse história para a sua turma?
- Costuma ler novamente a história contada pela professora ou por alguém?
- Costumam buscar livros na biblioteca para ler em casa ou no intervalo de aulas?
- Buscam livros na biblioteca somente quando faz parte de algum trabalho ou porque gostam?
- Geralmente fazem isso quantas vezes na semana?
- O que vocês acham quando a professora conta história sem mostrar o livro?
- Já tiveram a sensação de fazer parte da história? Ou a impressão de ter vivido alguns fatos da história?
- Preferem folhear livros à lê-los ou folheiam e depois leem?

- Como seria se os livros não tivessem imagens?
- O que vocês mais gostam quando a professora (pesquisadora) conta as histórias?
- Vocês acham que é importante ouvirmos histórias? Por que?
- Quando é mais interessante a contação de história? Com a pesquisadora ou com a professora na sala de aula?
- Se hoje fosse a última dia contação de história? O que vocês fariam?

**Quanto à história....**

- De todas as histórias ouvidas quais vocês mais gostaram? Por quê?
- O que mais destacou nessa história?
- Se você fosse o personagem principal dessa história mudaria o final? Como o faria?